

A interpretação do significado do “inferno” em Andrés Torres Queiruga

Prof. Dr. Sergio Sezino Douets Vasconcelos¹

Pe. Tiago Felipe F. da Silva OFM^{Cap}²

Resumo: Não é tarefa fácil refletir sobre o tema do inferno em tempos de banalização do mal. No campo religioso brasileiro o tema do demônio vem assumido uma relevância cada vez maior, repondo o seu imaginário mítico, influenciando a experiência religiosa de milhares de pessoas. O presente artigo que problematizar o tema do inferno a partir da contribuição de Andres Torres Quiruga, buscando problematizar a importância do tema e a sua profundidade existencial para o cristão hoje.

Palavras chave: inferno, escatologia, salvação

Abstract: It is not an easy task to reflect about the subject of hell in times of trivialization of evil. In the Brazilian field of Religion, the theme of Satan has been assuming an ever greater importance, returning to its mythic imagery and influencing the religious experience of thousands of people. This article wants to focus on the theme of hell starting from the contribution of Andres Torres Quiruga, trying to discuss the theme's importance and its existential profoundness for the Christian of today.

Key-words: hell, eschatology, salvation.

Introdução:

O campo religioso brasileiro é marcado pelos extremos quando se trata do tema do “inferno”: ou um profundo silêncio, salvo raras exceções, na literatura teológica cristã, nas últimas décadas ou um vandalismo banalizador, que pode ser observado claramente em certas pregações ou nas ditas práticas, que se autodenominam de exorcistas. Urge á reflexão teológica uma reflexão séria e sistemática sobre o tema, para que possa ajudar no discernimento da vivência religiosa de muitos cristãos na atualidade.

O presente artigo busca contribuir com uma reflexão que, para além dos significantes do arcabouço mítico-simbólico do imaginário religioso, seja capaz de repropor o significado antropológico profundo que o tema do “inferno” reflete para a

¹ Professor do Programa de Mestrado em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia da UNICAP.

² Bacharel em Teologia

experiência religiosa dos cristãos, a partir da contribuição do teólogo Andres Torres Queiruga, por se tratar de um dos autores mais interessantes na atualidade na reflexão sobre o tema. Partiremos da problematização do princípio hermenêutico fundamental da teologia cristã para, a partir daí, apresentarmos a proposta da reflexão de Queiruga sobre o tema.

1. Resgate da chave hermenêutica cristã: Deus cria por amor, para salvar

Segundo Queiruga (QUEIRUGA, 1999a), num contexto de crise – intensificado na modernidade e pós -, é fundamental o resgate das experiências fundantes caso não queiramos cair em divagações. Concernente ao edifício cristão a experiência do Deus verdadeiro, culminada na pessoa de Jesus de Nazaré deve ser a verdade de sua sustentação. Resgatar a imagem do Deus verdadeiro (Abbá de Jesus) é fundamental, no que toca a toda e qualquer reflexão, por mais alta e profunda que seja.

Na obra, *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, Queiruga tem o propósito de refletir um aspecto central do cristianismo, isto é, “a vivência pelo ser humano da atitude fundamental de Deus com respeito a ele” (QUEIRUGA, 1999a, p. 11). É uma preocupação pastoral, pois implica a vida dos crentes e não crentes, inseridos ou não em grupos religiosos, iluminada ou obscurecida por determinada interpretação acerca da presença de Deus.

Ele parte de uma convicção de fato, ou seja, “a presença de Deus na vida e na história do ser humano é, em muitíssimos casos, vivida secretamente sob as vestes do temor e do medo” (QUEIRUGA, 1999a, p. 14). Tal experiência é totalmente contrária à imagem de Deus comunicada nas palavras e gestos de Jesus de Nazaré. Num clima de crise, vivido pela religião num mundo pós-moderno, é preciso discernimento. A crise abala as estruturas e torna evidente o essencial – como o ouro purificado no fogo-, eis seu viés positivo. No que diz respeito ao cristianismo, a crise desencadeada com mais intensidade pela modernidade, ajudou-nos a perceber o essencial: “Deus como amor puro, gratuito e sem medida; o cristianismo como libertação essencial e exclusiva” (QUEIRUGA, 1999a, p. 16).

É a partir desta verdade revelada que devemos alçar voo rumo às reflexões verdadeiramente significativas, isto é, aquelas que propõem e efetuam um repensar de tudo o que foi construído e que hoje não tem mais significado para a vida das pessoas,

como por exemplo, as práticas litúrgicas, as ações pastorais, as homilias e pregações, o modo como as verdades da fé são anunciadas, etc.

Deus é amor (*ho theos ágape estin*) e deve ser vivido, refletido e anunciado (cristianismo) como tal. Tal máxima é o princípio; o núcleo do cristianismo. Essa é uma intuição fundamental, a partir da qual, devemos repensar nosso fazer teológico; práticas eclesiais, nossa linguagem teológica; nossa forma de expressar os dogmas (inferno, por exemplo). Queiruga propõe pormenorizar a fundamentação dessa intuição e abrir a reflexão para possíveis consequências práticas, pois segundo ele, “se admitirmos essa afirmação, a teologia não deveria ser outra coisa senão a tentativa de fazê-la vir à luz” (QUEIRUGA, 1999a, p. 28).

O teólogo é quem deve despir Deus das vestes postas ideologicamente e que deturpam sua verdadeira imagem. Imagem que muitas vezes, gera angústia e comportamentos dissimulados diante do medo, como também, “conceber a Deus como rival do ser humano” (QUEIRUGA, 1999a, p. 32). Duas atitudes, fruto da vivência pautada numa imagem de Deus totalmente contrária ao Abbá de Jesus. Fica mais que evidente, segundo Queiruga, o “tremendo desajuste que se abre entre a promessa magnífica do inicial ‘Deus é amor’ e a vivência concreta em que dita promessa costuma ser traduzida” (QUEIRUGA, 1999a, p. 35). A revelação bíblica, segundo nosso autor, é afirmação de que a relação de Deus com o homem tem um caráter pessoal marcada pelo amor – salvo, como afirma Schillebeeckx (SCHILLEBEECHX, 1994, pp. 133-136), a necessária conduta de “deixar Deus ser Deus”. Deus é o libertador que cria e sustenta. Como diz Queiruga, “Jesus conduzirá, com plena clareza, esse espírito à sua consumação” (QUEIRUGA, 2001, p. 111).

Frente a tal contradição causadora de tristezas e rejeições agressivas, como dissemos acima, urge um resgate da verdadeira chave hermenêutica cristã para a interpretação da realidade onde estamos, tanto social quando eclesial – se é que podemos fazer distinção. Para tal é preciso, segundo Queiruga, levar a sério o Deus de Jesus de Nazaré; em outros termos, o Abbá de Jesus, como diz Forte (FORTE, 1987, p. 44), “a inovação absoluta”, ou seja,

Se Deus é amor e se Deus é a origem, intuimos que o amor seja, portanto, a essência da realidade, última palavra da compreensão o critério definitivo do juízo. Compreendê-la seria justamente alcançar o mistério do universo, encontrar a chave do sentido, chegar à fonte da vida (QUEIRUGA, 1999a, p. 27).

Queiruga afirma que “o que interessa é sublinhar que, no cristianismo, o princípio amor adquire um primado indiscutível” (QUEIRUGA, 2001, p. 110). A vida e morte de Jesus foi plena consumação desse princípio, isto é, “a cruz [...] é a manifestação do amor levado até as últimas consequências, se a olharmos da perspectiva de Cristo” (QUEIRUGA, 1999, p. 181). Um Deus que se rebaixa à condição de criatura para poder, “junto com”, libertar tal ser finito, só pode ser amor. Como assevera Blank,

[...] em oposição ao Deus da ira e de punição, em oposição ao Deus que exige a nossa obediência através de ameaças e de castigos, os relatos da Bíblia destacam cada vez mais outro Deus. O Deus que toca o nosso coração, porque é Deus de amor e de infinita ternura (BLANK, 1988, p. 95).

A presença de Deus na vida e história de suas criaturas é, pura e exclusivamente, como afirma Queiruga, “para afirmar e confirmar de imediato sua plenitude” (QUEIRUGA, 1999b, 78). Deus é amor e amor é, segundo Moltmann (MOLTMANN, 2011, p. 70), autocomunicação do bem, isto é, “o amor deseja vida e dar a vida. Ele deseja abrir a liberdade à vida”. Esta autocomunicação amorosa é afirmação do outro. Não dá para corresponder o ‘Deus é amor’ com outra visão senão essa: Deus cria por amor e deseja, luta com o homem, roga-lhe, por sua realização, pois o contrário implica na frustração dos planos de Deus. Deus é sedento por glória: a realização do homem.

2. A incidência do mal na vida de todos e de tudo

Na obra, “Repensar o mal: da ponerologia à teodiceia”(2011), Queiruga pontua duas questões elementares e um problema a ser resolvido. As primeiras são: a incidência do mal em suas mais diversas feições e a pluralidade de respostas religiosas frente a tensão causada pela profissão “no divino aceito como poder sustentador e salvador do real e a evidencia do mal no mundo” (QUEIRUGA, 2011, p. 17). A problemática é, justamente, a necessidade de reestruturar a questão acerca do mal. E diante do visto até aqui, tal questão urge. Segundo Queiruga, é preciso que partamos do elementar, isto é, da “experiência comum pela qual, todos entendem que existe o mal no mundo, ainda que depois o interpretemos de mil maneiras” (QUEIRUGA, 2011, p. 15). O mal é um fato. Está aí, como o que “não queremos”, e “o que não deveria ser”, mas está e é sentido por todos. Não podemos negar tal verdade, pois seria o mesmo que

decretar o próprio estado de alienação. Basta ler um jornal para perceber que vivemos num mundo marcado pela presença do mal em suas mil feições.

A tensão entre evidente presença do mal e a fé no Deus-Amor cria um leque de respostas com o intuito de compreender e/ou conciliar tal relação, tanto no campo teológico quanto filosófico. Mitos, sabedorias, teologias, dilemas, etc. Tentativas de dissolver tal tensão. Vejamos por exemplo, o mito do Gênesis, o livro de Jó, o dilema de Epicuro. Reflexões, teológicas e filosóficas almejando responder à questão acerca do mal frente ao poder amoroso de Deus. Queiruga, diante de questões elementares – o mal como experiência comum e evidente busca por soluções diante de um Deus Todo-Poderoso – propõe a necessidade de uma reestruturação do problema do mal. Segundo ele, - questão já posta por Leibniz e, antes dele, William King – urge que partamos da impossibilidade de um mundo finito e bom, ou seja, um mundo sem mal (QUEIRUGA, 2011, p. 15).

Pensar o mal, tendo como pressuposto a possibilidade de um mundo bom; paradisíaco, é dar fundamento ao dilema de Epicuro. Entretanto, a Iluminação moderna, com a autonomia do sujeito e do mundo, exigindo uma reflexão que parta de baixo, deixou e deixa claro que o mal é uma questão humana, demasiadamente humana. Como diz Queiruga, “como marco global, aparece antes de tudo o caráter não imediatamente religioso, mas simples e radicalmente humano do problema do mal” (QUEIRUGA, 2011, p. 32). Queiruga propõe, na obra *Repensar o Mal: da ponerologia à teodiceia*, que façamos primeiramente uma ponerologia (*ponerós – mal; lógos – tratado, discurso*), isto é, um tratado do mal em si e por si mesmo. O mal tratado como um fenômeno humano deve ser abordado como tal. Só em segundo lugar, podemos elaborar nossas respostas religiosas. Caso contrário, cairíamos em teodicéias geradoras de ateus e crentes descrentes.

Pensar o mal no horizonte do humano dá-nos fundamento para elaborarmos uma piteodiceia cristã significativa, partindo do Deus de Jesus que, como vimos acima, cria por amor e sustenta sua criação até sua plena realização. Deus é o anti-mal, pois o mal é, no plano divino, o sem sentido de existir. É fruto de uma liberdade finita num mundo finitamente bom.

Nesse processo de plenificação, pelo qual passamos (criação – desenvolvimento histórico – etc.) o mal é consequência da condição finita. É possibilidade de ser. Deus,

como afirma Geshué (GESCHÉ, 2003, p. 43-57), se “surpreende” frente a irrupção de tal fenômeno, pois não faz sentido nos planos de divinos. Entretanto, é possível, uma vez que, fomos criados livres e finitos num mundo autônomo e finito. A ação divina é, justamente, a de luta. Deus Anti-mal é o Deus do Nazareno.

A ênfase no medo do inferno e consequências para sua compreensão hoje

Juan Luis Segundo afirma a existência de um “fato sociológico” (SEGUNDO, 1998, p. 16), concernente ao dogma do inferno. Segundo ele, há um “certo silêncio da Igreja sobre o tema do Inferno, um silêncio que contrasta com o uso” (ibidem.) abusivo feito ao longo da história e conclui que,

[...] que não é verdade que, mais ou menos depois do Vaticano II, o inferno tenha desaparecido. Pelo menos, não totalmente, do campo teológico. [...] o mínimo que se pode dizer a respeito é que existe um claro incômodo em tratar desse ponto (SEGUNDO, 1998, p. 18).

Tal incômodo não deve desanimar o teólogo que leve a sério seu múnus. É sua missão refletir as questões fundamentais da vida humana tendo por critério hermenêutico os feitos de Deus referentes à sua criação na pessoa de Jesus. Nessa relação homem finitamente livre e Deus, pela força da liberdade finita, o inferno é uma possibilidade e, como tal, não pode ser exilado ao mundo do silêncio, ação e/ou reação, de duas tendências estritamente negativas, como veremos abaixo.

Segundo Boff, “se o cristianismo é uma religião do amor, então é uma religião da liberdade” (BOFF, 2004, p. 86.). Liberdade, indubitavelmente, respeitada por Deus. Este cria os seres para fazer com os mesmos uma Aliança, porém cria-os finitamente livres, correndo o risco da frustração. Um Deus frustrado nos seus planos para com o homem, pois “o homem possui uma dignidade absoluta: de poder dizer não a Deus”. É aquilo que Blank denomina de “terrível risco da liberdade humana” (BLANK, 2000, p. 243.), isto é, o inferno. É o que podemos dizer previamente ao campo conjectural.

Esta resposta negativa dada pelo homem livre e consciente ao Absoluto, segundo Boff, faz do homem um criador. Ele cria para si um “mundo”. Não o mundo querido por Deus, mas contrário a Ele. Portanto, “o inferno não é uma criação de Deus, mas do homem” (BOFF, 2004, p. 87). Com resposta negativa diante da proposta divina surge um obstáculo nos planos de Deus para com o homem, isto é, o próprio homem.

Possibilidades de uma liberdade respeitada. O mundo infernal, criado pelo homem no campo de sua liberdade finita, parece ser um estado sem Deus. É possível? Como diz Boff, “inferno é um estado do homem, que se petrificou em sua decisão de só pensar em si e em suas coisas e não nos outros e em Deus. É alguém que disse um não tão decisivo que não quer e não pode mais dizer um sim (BOFF, 2004, p. 88). Urge, parafraseando Boff, um purgatório do inferno (BOFF, 2004, p. 56), isto é, uma purificação desta realidade de tudo aquilo que, de uma maneira ou de outra, foi sendo dito e fantasiado ao longo da história, principalmente nos inícios da modernidade. O inferno como castigo divino é totalmente contrário ao cristianismo de Jesus de Nazaré. Como também a autocondenação eterna fruto de uma liberdade finita incorre em injustiça.

As concepção do inferno no imaginário medieval

Jacques Le Goff, diz que falar de medievo é falar de uma civilização que “[...] se organiza a partir dos séculos VI e VII, completa-se por volta do século XIII para se desfazer pouco a pouco no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX” (LE GOFF, 2011, p. 124). Tal organização tem por eixo o Deus do Génesis, isto é, “o mundo e a humanidade existem porque Deus quis assim, através de um ato generoso” (LE GOFF, 2011, p. 125). É o mundo sob as leis da teocracia.

Para o homem e a mulher medievais a Bíblia, como sendo o livro mais antigo do mundo, é “um livro de história e Génesis uma cosmologia” (LE GOFF, 2011, p. 127). A origem do mundo, do homem, de tudo o que existe, como também seu término tinham explicações seguras e científicas nas Sagradas Escrituras. Os Exegetas medievais, segundo Le Goff, “buscam sem dúvida o sentido segundo textos, sua interpretações alegóricas e espirituais. Consideravam, entretanto, o sentido primeiro, literal, como um documento informativo” (LE GOFF, 2011, p. 127).

Deus criou o mundo em sete dias; o homem pecou contra Deus e foi expulso do paraíso; Deus, num determinado tempo, enviou seu Filho para nos redimir com seu sangue e nos reabrir as portas da eternidade. A encarnação de Deus, como diz Le Goff, “supõe igualmente a existência de uma história. Há uma história antes de Jesus e outra depois de Jesus” A encarnação abre o tempo de espera pelo fim do Tempo (LE GOFF, 2011, p. 128-129).

Os medievais esperam a volta de Jesus e a vida é organizada mediante esta

espera. Segundo Le Goff, está nisso o fim do tempo cíclico na antiguidade e o início de um tempo linear. A história não é cíclica, é linear: tudo tem um fim e tudo espera por tal. E segundo este autor,

[...] a Igreja se serve da volta cíclica das estações e das festas para repetir, a cada novo período, que a humanidade vai de um início a um fim, e que o fim não é um reinício, mas um renascimento em um outro mundo, que será um mundo definitivo, sem tempo (LE GOFF, 2011, p. 144).

Como falar das realidades últimas se tais não pertencem ao tempo e não transcorrem no espaço? Eis a grande tarefa: Como falar do purgatório, inferno e céu, possibilidades reais de forma a que as pessoas visualizem? Tendo como pressuposto a cosmologia em voga é que tais realidades vão ganhando corpo; forma; sendo utilizadas para o controle social, eclesial.

O Inferno, foco de nosso trabalho, é descrito, segundo Le Goff, como “monstruosamente terrestre, tão terrestre que é subterrâneo [...]. Os malvados estão lá, punidos de acordo com o que pecaram” (Ibidem.). O fim daqueles que, durante a vida, não buscaram imitar Jesus, quando este vier, como juiz, os condenará ao fogo terno.

Tal visão é anunciada nas pregações, escritos; é artisticamente retratada em esculturas, pinturas, vitrais; obras literárias falam dessa realidade triste, vejamos, por exemplo, a Divina Comédia de Dante. Cria-se um imaginário infernal que ainda hoje, faz o homem a mulher temer a Deus e viver a partir do medo ou ignorá-lo de vez.

O silêncio denunciado por Segundo, e ratificado por Queiruga, não é por acaso. O caminho trilhado pela Igreja no tocante ao Dogma sobre o Inferno gerou duas consequências altamente desfavoráveis a uma eficaz reflexão: descrédito absoluto ou ênfase exacerbada, a famosa pastoral do medo. Como afirma Kasper,

[...] a crença no diabo, na sua figura tradicional, tornou-se suspeita e perdeu credibilidade por causa de todas as possíveis mesclas com superstição e folclore, mas também por causa de certas formas horríveis de abusos que conheceu no curso dos tempos (KASPER, 1992, p. 47).

Atribuir ao lugar de tais seres o mesmo destino não é cair num raciocínio errôneo. O clima tácito, denunciado acima, não é por acaso. É, isto sim, consequência de toda uma história de medo e terror. Não é a melhor saída, porém é real. Após tantas pregações inflamadas, no pós-vaticano II, o silêncio está sendo a resposta dos descrentes e o conforto dos dementes.

Para fugir desses extremos urge uma reflexão séria que leve em conta,

primeiramente o Deus revelado na pessoa de Jesus de Nazaré; em segundo lugar, tenha a coragem de tirar disso as consequências práticas e teóricas. A impressão que dá quando a Igreja fala do inferno é que ela esqueceu que Deus é amor e misericórdia.

3. O INFERNO NO HORIZONTE DA SOTERIOLOGIA

Franz-Josef Nocke assevera que, em se tratando de escatologia, o tema do inferno é o mais dificultoso de se pensar. Pois é um tema que sofreu, no decorrer histórico, diversos abusos e inúmeras distorções. Segundo ele, “inferno significa o não cumprimento da esperança” (NOCKE, 2009, p. 419). Dito em outros termos, só podemos falar desta realidade pelo viés da negatividade; o inferno é negatividade, como veremos mais a frente.

Na perspectiva de Nocke, esse caráter negativo no inferno não deve ser entendido como um castigo vindo de fora – aqui o autor livra Deus da culpa -, mas, isto sim, como “aquela perversão, à qual o ser humano se entrega por permanente e radical negação”. Dito em outros termos, o inferno é uma espécie de autocondenação.

Este apelo à liberdade humana como responsável, resolve uma parte significativa do problema, isto é, Deus não é o criador do inferno. O homem é quem opta por tal realidade. Como diz Queiruga, “trata-se-ia, afinal, não de uma condenação por parte de Deus, senão de uma autêntica autocondenação, contra a vontade de Deus” (QUEIRUGA, 2011, p. 280).

Tal teoria é ratificada pela Igreja no CIC quando diz: o inferno é “este estado de auto-exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados”(CIC, nº 1033). O homem livre é o criador de um mundo no qual Deus não faz parte. Não por que O mesmo não queira, mas porque o próprio homem não o quer. O mesmo texto, no número 1035 o CIC diz que “a pena principal do Inferno consiste na separação eterna de Deus[...]”. Tal pena não deve ter sua origem atribuída a Deus, pois o mesmo, segundo o CIC “não predestina ninguém para o inferno” (Ibidem.).

O que podemos afirmar com segurança acerca do inferno? Frente a tal indagação é legítima e pertinente a pergunta pelo inaceitável, ou seja, por aquilo que não podemos dizer acerca do inferno, diante da revelação do Deus de Jesus e de ouvidos crentes, porém mais críticos. Evidenciar os erros passados torna-nos aptos a dar passos certos no

presente e construir algo novo no futuro.

Pregar ou refletir o amor de Deus para com a humanidade e desta para com Aquele cria a possibilidade de dois discursos sobre o inferno com suas inúmeras variações. Um coerente e outro intolerável. Queiruga diz que o segundo é o “que hoje não deve ser afirmado por uma teologia honesta para com Deus nem anunciado por uma pregação que respeite a dignidade dos ouvintes atuais” (QUEIRUGA, 2011, p. 26).

A pastoral do medo cria uma imagem de Deus que não é mais aceita (DELUMEAU, 2009, pp. 301-349.). Ter o inferno como coercitivo moral, coloca Deus como o terrível tirano controlador das nossas consciências e do nosso agir no mundo. Deixamos de ser imagem e semelhança de Deus, pois não agimos mais sob a lei do amor, mas somos transformados em marionetes de um ídolo despótico.

3.1 O que é queremos dizer com essa palavra: inferno? – “o inferno não é”

Justa questão! Percebemos, claramente, que a lógica do intolerável faz uso do inferno de maneira objetivista, tendo, portanto, implicações terríveis na subjetividade. Contrariamente a tal perspectiva, Queiruga diz que só podemos falar do inferno pelo viés da negatividade. Segundo ele,

Deus anuncia e realiza a salvação; da condenação não sabemos mais – nem temos direito de saber – que o fato puramente negativo de que ela é a não-salvação. Até o ponto de que, possivelmente, estaria bem de acordo com o espírito mais genuíno da Bíblia o fato de concebê-la como a negatividade total: a este ser impotente e mortal que é o homem, Deus oferece a graça infinita da vida eterna; aceitá-la é a salvação, viver para sempre; não aceitá-la é a condenação, a morte (QUEIRUGA, 1999a, p. 9).

Nos planos de Deus, o inferno nunca poderia ser. Por mais paradoxal que pareça é o único caminho que temos, ou melhor, o mais seguro para falarmos de tal realidade. Falar do inferno tem por pressuposto a afirmação do querer salvífico e universal de Deus para com o homem e a mulher. Entretanto, a negatividade do discurso acerca do inferno não é, como diz Queiruga, uma simples e muda negatividade, mas é uma negatividade determinada. Essa negatividade determinada ocorre porque sabemos ao que o inferno se opõe. A luz faz tornar a não-luz evidente.

Pode parecer pouco dizer que o inferno é não-salvação, mas não o é. Tal

conclusão tem consequências fulcrais para a reflexão teológica, pois oferece um princípio interpretativo fundamental: previne contra desvios fatais e propicia uma orientação apropriada. A dureza da realidade infernal não é mais aquilo que é pintado pelos fantasmas do imaginário, nem uma vingança de Deus, muito menos deve servir de imperativo para o agir ético e moral. Mas sua dureza está na consciência do que se perde, ou seja, a salvação.

Em linhas gerais podemos afirmar que o inferno é a não-salvação; possibilidade inerente ao homem finitamente livre diante da proposta divina. É o que Deus não quer; a frustração de seus planos. Nunca deverá ser visto como uma ação positiva de Deus, mas como um fracasso dos planos de Deus para com o homem e a mulher. Podemos dizer, também, que o inferno não é uma criação de Deus, mas algo que surge de nossas decisões. “Nasce da limitação ou maldade da própria liberdade: seja o que for, significa algo que, se se realiza, é porque nós o escolhemos” (QUEIRUGA, 1996, p. 55).

Por fim, em nível objetivo, nada podemos afirmar a não ser seu caráter negativamente terrível. Não pelas imagens que herdamos, mas por aquilo que perdemos: a salvação. Em linhas conclusivas, o que foi dito é o que pode ser dito. Sentir o “fogo eterno” da ausência divina caso optemos por isso, no campo de nossa liberdade finita é um sentir infernal. Se tivermos que falar de tal realidade que o seja pelo o viés da ação de Deus para com sua criação.

Se não está no lado de Deus a origem e as feições de tal realidade, onde está? Pergunta pertinente e de importância incontestável. Na perspectiva de Queiruga, está na “impotência e/ou na maldade da criatura” (QUEIRUGA, 1996, p. 48). Deus nos cria para a salvação, porém nos cria finitamente livres, isto é, seres condenados ao mundo das possibilidades. Dentre estas está o não que podemos dar ao próprio Deus; o sim que podemos dar ao mal em suas diversas configurações. Em outras palavras o ser humano é “uma liberdade que Deus quer e apoia como o bem mais precioso, mas que, sendo finita, está inevitavelmente exposta à falha e ao fracasso moral” (Ibidem.).

Daí compreendemos o porquê a ideia de uma autocondenação é tão bem aceita a tradicional perspectiva escatológica. O homem, diante de Deus amor, opta por livre e espontânea vontade, pela não salvação. É a liberdade humana quem cria o inferno e não o Deus de amor. Entretanto, como afirma Queiruga, enquanto houver uma “fagulha de liberdade” (QUEIRUGA, 1996, p. 52), tudo é provisório, isto é, a salvação permanece

uma opção válida.

O inferno, portanto, deve ser pensado dentro desse horizonte. É uma consequência possível que nasce da limitação ou maldade da própria liberdade humana, por isso não querido por Deus, porém respeitado pelo mesmo, uma vez que, é impossível a Deus ir contra si. Deus cria seres livres e lhes dá responsabilidades sobre suas próprias vidas.

3.2 O Inferno é “Não-salvação”

Queiruga, no campo das conjecturas, aponta três possibilidades de concretização do saber sobre o inferno visto acima: inferno como autosentença condenatória; inferno como morte definitiva e por fim, e a preferida pelo nosso autor, o inferno como condenação do mal que há em cada um ou, como ele mesmo diz no livro *Repensar o Mal*, perda eterna de possibilidades (QUEIRUGA, 2011, p. 282).

O inferno como autosentença condenatória é a mais aceita pelos teólogos e defendida pela Igreja como vimos acima. Como diz Blank, “não é Deus quem condena, mas o ser humano é quem se condena, rejeitando Deus” (BLANK, 2000, p. 251). Realmente, tal visão é, a mais apropriada quando se quer anunciar um Deus que é amor. A culpa pela existência do inferno recai sobre a liberdade humana. Deus é isento de toda e qualquer responsabilidade, uma vez que, seu ato é criador e salvador. O homem e a mulher optaram por estarem longe Dele.

Porém, vimos acima que é no campo da liberdade humana que surge a possibilidade do inferno. Ou seja, diante da proposta de Deus – salvação – o homem pode dizer não e, conseqüentemente, sofrer as terríveis dores da sua escolha, isto é, a dor da perda. Porém, Queiruga levanta uma problemática que abre novos horizontes de discussão: “pode uma liberdade finita, e, portanto, condicionada, fazer uma opção tão absoluta que a leva a escolher o nada” ou crie o mundo dos condenados eternamente? “Não é mais plausível uma saída intermediária?” (QUEIRUGA, 1996, p. 69).

O Deus que cria por amor e deseja a salvação de todos os homens, diante da liberdade finita, portanto, condicionada, como um Pai, não se deixa levar pelas decisões, frutos de tal liberdade; decisões que são hoje e amanhã não são. Na perspectiva de Queiruga, Deus salva aquilo que pode, isto é, citando Von Baltasar, que por sua vez

cita, Santo Ambrósio, “a mesma pessoa salva-se em parte e condena-se em parte” (QUEIRUGA, 2011, p. 283). Ou seja,

[...] conjugando os dois pólos – um Deus que deseja fazer tudo para salvar e uma liberdade que é tão-somente limitada – se chegaria a uma autentica mediação: Deus salva quando pode, ou seja, quando a liberdade finita o permite. E dado que esta não é total, Deus salva aquele resto de bondade que parece não poder nunca ser anulado por nenhuma ação má (QUEIRUGA, 1996, p. 69-70).

Haveria condenação, porém daquilo que, na nossa liberdade finita, não permitimos ser salvo. Porém, aquilo que pode ser feito Deus o fará. O mal em nós será condenado e o bem que somos e, que não pode ser anulado por nenhuma ação má viverá eternamente. Muito otimismo? Talvez! Mas é a consequência mais plausível, após a experiência do Deus de Jesus. Deus será tudo em todos, como nos diz Paulo. Como diz Queiruga,

[...] o não da liberdade humana à salvação de Deus poder ser real e definitivo sem ser total, ser rejeição terrível e destrutiva sem chegar à anulação. Numa palavra, que se trata de condenação real e verdadeira - pela imensa perda que, em todo caso, supõe – sem que por isso fique aniquilado e resto de bondade que existe sempre em toda pessoa (QUEIRUGA, 2011, 286).

Queiruga trabalha, nesse ponto, com o conceito de agradecimento de Deus. Segundo ele, não existe ser humano, por mais terrível que seja ou tenha sido, que não tenha feito uma boa ação. Pois bem! Diante dessa verdade,

[...] a conclusão se compreende, e seria o caso de expressá-la assim: Deus que agradece e se recorda fará todo possível, aproveitará todo resquício, para manter vivo para sempre qualquer filamento de bondade que em algum momento tenha germinado na mais distante de suas criaturas (QUEIRUGA, 1996, p. 77).

Otimismo demasiado? Pode ser! Porém, não invalida a provocação para o debate sério e maduro em torno do tema. Qualquer resquício de bondade no homem é para Deus um motivo de comunhão. Numa linguagem simbólica poderíamos dizer que acontece mais ou menos o que nas refinarias e feito com o metal. O material bruto é posto no fogo. O fogo destrói o que for impuro, permanecendo o valioso. Nessa lógica, segundo Queiruga, o inferno seria o “rosto último da salvação”. Dito em outros termos, “eliminado o mal, isto é, extinta toda negatividade e resgatado até o último resto de bem, se instaurará a plenitude definitiva como deleite e glória para todos”. Finalmente,

o plano de Deus para com o homem e a mulher será realizado: Deus será tudo em todos (1Cor 15,28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Deus revelado por Jesus de Nazaré: Deus que cria tendo em vista glorificação, isto é, realização plena sua criatura e sustenta esse mesma criatura motivando-a à tal meta só pode ser definido como amor. Acreditamos que antes do silêncio respeitoso e reagente à Presença tão eficaz essa seja a máxima mais pertinente: Deus é amor.

Vimos como uma má interpretação, tendo em vista um mau uso, do dogma infernal, pode causar danos terríveis à nossa percepção de Deus e levar conseqüentemente à descrença. Um Deus capaz de criar um lugar terrível e eterno para os filhos que erram não é digno de adoração, mas de pavor. O inferno deve ser visto, portanto, dentro da reflexão acerca da salvação. Deus deseja salvar e faz tudo por isso.

As feições terríveis do inferno e suas finalizadas, como lugar para os pecadores; como também, sua origem em Deus para punir os que erram é fruto da história marcada por dores e sofrimentos. As expressões utilizadas por Jesus acerca dessa realidade, tão utilizadas para causar medo e conduzir as pessoas para determinados fins, devem ser vistas, numa perspectiva estritamente pedagógica. Jesus anunciou o Reino de Deus e não o inferno.

Uma coisa é certa, não podemos negar sua existência como possibilidade possível. Se defendemos que o homem é livre, finitamente livre, mas livre, devemos afirmar tal possibilidade infernal. Ou seja, o homem pode escolher dizer não a Deus. Acreditamos que todos os teólogos sérios, nesse ponto, concordem.

A grande questão, como vimos, é quando se trata de dizer como se concretiza tal escolha. Aqui é que devemos levar a sério o Deus de Jesus de Nazaré. Queiruga, diz que três hipóteses são possíveis. Dizer não a Deus implica em autocondenação eterna; dizer não a Deus implica em morte definitiva; dizer não a Deus (coerente com o Deus de Jesus) implica em condenação desse tipo e salvação do possível.

Um próximo passo seria anunciar tal verdade. Acreditamos que os crentes sentiriam um alívio motivador e, com o tempo, passariam a viver como verdadeiros cristãos, isto é, agindo na gratuidade. A ciência de tal verdade não nos estabiliza, mas ao

contrário, nos anima à vida feliz, pois partindo de Deus e para Deus voltamos com a certeza da vitória.

REFERÊNCIAS

- BOFF, L. **Vida para além da morte: o presente: seu futuro, sua festa, sua contestação.** 22ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- BLANK, R.J. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição (Escatologia I).** São Paulo: Paulus, 2000.
- BRUNO, F. **A Trindade como história.** São Paulo: Paulinas, 1987.
- GESCHÉ, A. **O mal.** São Paulo: Paulinas, 2003.
- LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média: com a colaboração de Jean-Maurice de Montremy.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. **O imaginário Medieval.** Editorial Estampa, 1994.
- KASPER, W.; LEHMANN, K.; KARTELGE, K. MISCO, J. **Diabo, Demônios, Possessão: da realidade do mal.** São Paulo: Loyola, 1992.
- MARCHADOUR, A. **Morte e vida na Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 1984.
- MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- NOGUEIRA, C.R.F. **O Diabo no imaginário cristão.** 2.ed. Baruru, SP: EDUSC, 2002
- QUEIRUGA, A.T. **Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. **Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte.** São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como afirmação plena do humano.** São Paulo: Paulus, 1993.
- _____. **Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por um nova imagem de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2001.
- _____. **Repensar o Mal: da ponerologia à teodiceia.** São Paulo: Paulinas. 2011.
- _____. **Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã.** São Paulo: Paulus, 1999a.
- _____. **Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora.** São Paulo: Paulus,

1999b.

RAHNER, K. **Curso Fundamental da fé:** introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.

SEGUNDO, J.L. **O inferno como absoluto menos:** um diálogo com Karl Rahner. São Paulo: Paulinas, 1998. (Col. Teologia Atual).

SCHILLEBEECKX, E. **História Humana:** revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1994.

Artigo recebido em Setembro de 2012

Artigo aceito para publicação em Novembro de 2012